



Schopenhauer e a magia¹

Schopenhauer and the magic

Luan Corrêa da Silva

Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Pós-doutorando (PNPD/CAPES)

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar o pensamento de Schopenhauer acerca da magia, no intuito de fomentar um debate ainda pouco explorado sobre o tema. Entusiasmado com o sucesso do “magnetismo animal” desenvolvido pelo médico Franz Anton Mesmer, Arthur Schopenhauer encontra neste procedimento, entendido como parte da magia de outrora, uma confirmação empírica da filosofia de *O mundo como vontade e como representação*. Uma confirmação que, segundo o filósofo, revela um aspecto prático de sua metafísica teórica, uma *Experimentalmetaphysik*. Não parece pouco relevante, assim, que se lance alguma luz filosófica sobre o tema, a despeito da sua obscuridade característica e consequente descrédito na história do ocidente. As considerações de Schopenhauer, tal como o leitor pode constatar, levantam questionamentos que vão da medicina à religião, do ocultismo à ciência experimental, e mostram-se relevantes até hoje.

Palavras-chave: Magia; Magnetismo animal; Schopenhauer; Mesmer.

Abstract: This article aims to present Schopenhauer's thinking about magic in order to promote a debate that has not yet been explored. Excited about the success of "animal magnetism" developed by the doctor Franz Anton Mesmer, Arthur Schopenhauer finds in this procedure, understood as part of the magic of the past, an empirical confirmation of the philosophy of *The world as will and as representation*. A confirmation that, according to the philosopher, reveals a practical aspect of his theoretical metaphysics, an *Experimentalmetaphysik*. It does not seem to be of little relevance, therefore, that some philosophical light is thrown on the subject, in spite of its characteristic obscurity and consequent discredit in the history of the West. Schopenhauer's considerations, as the reader can see, raise questions that range from medicine to religion, from occultism to experimental science, and are relevant even today.

Keywords: Magic; Animal magnetism; Schopenhauer; Mesmer.

¹ Este tema foi originalmente desenvolvido em minha tese de Doutorado intitulada *Metafísica prática em Schopenhauer*, defendida no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (2017).

O interesse de Schopenhauer pela magia possui estreita conexão com o interesse que ele manifesta pelas chamadas ciências da natureza. O conhecimento da *física*, como ele chama estas ciências empíricas, é superficial e não atinge a essência da realidade mesma, pois apreende apenas a "casca" da natureza, resumindo-se ou bem na descrição das figuras, domínio da morfologia, ou bem na explanação das mudanças, o domínio da etiologia². Apesar disso, Schopenhauer defende que o conhecimento empírico da realidade é condição para a metafísica teórica, pois, segundo ele, antes da busca pela solução de um problema é de bom tom que se tenha antes formulado adequadamente este problema³. Com efeito, a física se opõe à *metafísica*, mas apenas no tipo de investigação, pois o objeto de investigação, o mundo, é o mesmo. Assim, apesar de muitas vezes caminharem em direções opostas, eventualmente física e metafísica experimentam um contato – análogo ao de dois mineradores que, após escavarem em silêncio duas galerias a partir de dois pontos remotos, conseguem finalmente ouvir as marteladas um do outro⁴.

No ensaio *Sobre a vontade na natureza*, Schopenhauer fornece aquilo que ele chama de "prova real" para o seu "dogma fundamental", isto é, os pontos de contato entre a metafísica da vontade e as ciências naturais, partindo do "puramente empírico", a saber, as observações de cientistas naturais acerca dos eventos que, de alguma maneira, confirmam a sua filosofia⁵. Mas é um novo campo de pesquisas, surgido em seu tempo, que desperta especial interesse de Schopenhauer, pois representaria, nas palavras do filósofo, uma "confirmação direta" de sua filosofia; trata-se do *magnetismo animal*⁶. O magnetismo animal, que adquirira no decorrer do século XIX certo estatuto de prática médica, não pode ainda ser considerado, no contexto de *Sobre a vontade na natureza*, uma ciência em sentido estrito, como o seriam outras pesquisas mencionadas por Schopenhauer. O motivo que distancia a prática do magnetismo animal das demais práticas científicas é o que a aproxima da filosofia, muito embora houvesse um esforço, por parte dos médicos e teóricos da época, em validar esta prática também no meio

² SCHOPENHAUER, A. MVR I, §17, p. 112.

³ "Deve-se observar que a *apresentação a mais correta possível do problema* da metafísica passa por um conhecimento o mais completo possível da natureza, por conseguinte, ninguém deve aventurar-se na metafísica sem antes ter previamente adquirido um conhecimento de todos os ramos das ciências da natureza, mesmo que seja um conhecimento apenas geral, porém fundamentado, claro e coerente. Pois o problema tem de preceder a solução" (SCHOPENHAUER, A. MVR II, Cap. 17, p. 217).

⁴ SCHOPENHAUER, A. N, p. 48.

⁵ Ibid., p. 23.

⁶ Ibid., p. 157.

científico acadêmico. Compreendido por Schopenhauer como um ramo da antiga *magia*, bem antes de um procedimento científico, o magnetismo animal tornar-se-á o melhor exemplo prático da metafísica especulativa, a peça para fazer girar a engrenagem, e preencher, por assim dizer, uma "lacuna empírica" da filosofia de *O mundo como vontade e como representação*⁷.

1. Mesmer e o "mesmerismo"

O magnetismo animal também é conhecido como *mesmerismo*, em referência ao seu criador, o médico Franz Anton Mesmer, que, depois de ter estudado filosofia por quatro anos, torna-se doutor em medicina ao submeter a tese *Dissertatio physico-medica de planetarum influxu*, isto é, "Da influência dos planetas sobre o corpo humano", em 1766; trabalho que forneceu os primeiros pressupostos teóricos da prática que estava por surgir⁸. Mesmer definiu posteriormente o magnetismo animal como "uma das operações universais da natureza, cuja ação determinada nos nossos nervos oferece à arte um meio universal de curar e de preservar os homens"⁹. O mesmerismo é, antes de tudo, uma prática de cura, sem métodos e instrumentos determinados, mas com resultados eficazes e, às vezes até, surpreendentes. Mesmer adotava o pressuposto das ciências empíricas, de que "o princípio primordial de todo conhecimento humano é a experiência", e de que somente por ela a realidade das suposições acerca do mundo pode ser verificável¹⁰. Mas ele não queria ser mais uma vítima do "empirismo cego" identificado por ele, preocupava-lhe também provar *a priori*, por um encadeamento de

⁷ Assim expressa Gottlieb Florschütz (2012) em *Schopenhauer und die Magie – die praktische Metaphysik?* p. 476: "O conjunto dos fenômenos do magnetismo e da hipnose preenche, por assim dizer, uma lacuna empírica na filosofia de Schopenhauer, da vontade como coisa em si no mundo", tradução livre.

⁸ Mesmer defende neste trabalho a relação entre os movimentos da atração universal nas revoluções periódicas dos corpos celestes e o comportamento dos corpos animados do mundo terrestre, que parte da direta influência dos corpos celestes sobre, por exemplo, o fluxo e refluxo das marés. A hipótese do magnetismo animal, cuja própria denominação marca a sua analogia com o magnetismo celeste, terrestre (ou mineral) e animal, propõe a existência da ação recíproca entre os corpos animados análoga àquela existente entre os corpos celestes, mediante a qual se tornaria possível imitar artificialmente este "fluxo" e "refluxo" dos corpos (FIGUEIREDO, P. H. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*, p. 303).

⁹ MESMER, F. A. *Resumo histórico dos fatos relativos ao magnetismo animal*, p. 345. O magnetismo animal é "tanto o sistema e a doutrina das influências em geral quanto a dita propriedade do corpo animal, assim como o remédio e o método de cura" (MESMER, F. A. *Memória de F. A. Mesmer, doutor em medicina, sobre suas descobertas*, p. 541).

¹⁰ MESMER, *Memória de F. A. Mesmer, doutor em medicina, sobre suas descobertas*, p. 523.

noções simples, a possibilidade do magnetismo animal¹¹. Assim, se por um lado Mesmer se opunha às concepções metafísicas demasiado abstratas e ilusórias, alegando propor um método racional¹², por outro lado não compartilhava do experimentalismo materialista das ciências empíricas, em especial as médicas, propondo um novo modelo de cuidado, em uma mudança de perspectiva em relação à medicina tradicional alopática¹³.

O seu método de cura fora, por quase toda Europa, questionado e polemizado, chegando até mesmo a ser julgado e condenado pela academia francesa¹⁴. De fato, não se

¹¹ Ibid.

¹² Imbuído do espírito iluminista de seu tempo, Mesmer defende o caráter científico do magnetismo animal, como forma de, não apenas afirmar a seriedade de sua posição, mas também de se livrar da sombra das superstições que ofuscavam a eficácia de suas práticas: "Ver-se-á, ousou crer, que estas descobertas não são produtos do acaso, mas sim o resultado do estudo e da observação das leis da natureza, que a prática que eu ensino não é um empirismo cego, mas um método racional. Embora saiba muito bem que o princípio primordial de todo conhecimento é a experiência, e que é por ela que se pode constatar a realidade das suposições, preocupa-me em provar *a priori* por um encadeamento de noções simples e claras a possibilidade dos fatos que anunciei [...]. Creio ter aberto uma rota simples e reta para chegar à verdade, e ter livrado em grande parte o estudo da natureza das ilusões e das metafísicas" (MESMER, *Memória de F. A. Mesmer, doutor em medicina, sobre suas descobertas*, p. 523). Utilizando-se de conceitos tais como "fluido", "magnetismo", "fluxo" etc., Mesmer pretende se livrar da metafísica demasiada abstrata e transcendente, em favor de um pensamento concreto que conecte o microcosmo do organismo com o macrocosmo dos corpos celestes.

¹³ No século XVIII a medicina tradicional empregava métodos bastante assustadores para a cura das mais variadas doenças, como febre, inflamação, contusão, epilepsia, demência, surdez, gota, cefaleia, lumbago, e até mesmo falta de fôlego ou dor de garganta. Os métodos de cura consistiam, basicamente, nas sangrias, uso de sanguessugas, queimaduras com ácido, com o objetivo expurgar ou desviar as "substâncias mórbidas" do organismo. Outros métodos empregados eram o uso de vomitivos, laxantes, sudoríficos, diuréticos, vesicatórios, meios de supuração, cauterios por meio de queimaduras com ferro, banhos em uma mistura de substâncias, e tantos outros métodos que provocavam dores terríveis aos pacientes (FIGUEIREDO, P. H. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*, pp. 156-7). Esta medicina pouco eficaz até o século XX, classificada posteriormente por Samuel Hahnemann como *alopática*, opõe-se à medicina *homeopática*, modelo que Mesmer ajudou a estabelecer, mas que é até hoje considerado apenas uma terapia alternativa e complementar, sem muita credibilidade científica. A diferença fundamental entre a medicina alopática e homeopática reside, *grosso modo*, no foco: a primeira visa a supressão dos sintomas da doença, os seus *efeitos*, e a segunda o reestabelecimento do equilíbrio vital interno, eliminando-se a *causa*. Para Mesmer, a mudança de perspectiva da medicina envolve, necessariamente, o reconhecimento da influência das causas *morais* nas causas *físicas*, isto é, o caráter psicossomático das emoções. Diz Mesmer: "Para curar verdadeiramente uma doença não é suficiente fazer desaparecer os sintomas visíveis: é preciso destruir a causa [...]. Às causas físicas, deve-se juntar a influência das causas morais. O orgulho, a inveja, a avareza, a ambição, todas as paixões aviltantes do espírito humano são também causas invisíveis de doenças visíveis. Como curar radicalmente os efeitos de causas sempre subsistentes?" (MESMER, F. A. *Resumo histórico dos fatos relativos ao magnetismo animal*, p. 391).

¹⁴ No ano de 1784, no período curto de quatro meses, o magnetismo animal foi julgado e condenado pela academia francesa, por uma comissão que incluía nomes como Benjamin Franklin e Antoine-Laurent Lavoisier, cuja opinião final pode ser resumida nas palavras do relator do processo, Jean Sylvain Bailly: "O toque, a imaginação e a imitação são as verdadeiras causas atribuídas a este agente novo, conhecido sob o nome de magnetismo animal, a este fluido que se diz circular nos corpos e se comunicar de indivíduo a indivíduo (...) Este fluido não existe (...) Há razões para crer que a imaginação é a principal causa dentre aquelas que se destacaram acima. Percebeu-se, pelas experiências citadas, que ela é suficiente para produzir as crises. A pressão e o toque parecem, assim, servir-lhe como preparação; é pelo toque que os nervos começam a se excitar e a imitação comunica e expande suas impressões. Mais é a imaginação, esta Schopenhauer e a magia

tratava de um método científico tradicional de cura, e a imprecisão dos método e instrumentos colocava o mesmerismo sob suspeita. Apesar das boas intenções de Mesmer em se orientar pelo método científico com base nas suas provas empíricas, o seu princípio mais seguro não era, porém, observável: tratava-se do *fluido vital*. Inicialmente, Mesmer e os outros magnetizadores se utilizavam de instrumentos magnetizados artificialmente, como o *baquet* (uma tina), a varinha de metal, a água, garrafas, etc. Os instrumentos eram utilizados apenas como condutores, *meios*, da ação do magnetizador, pois permitiam a fluidez da corrente vital para os pontos necessários do organismo¹⁵. Pouco a pouco, ele mesmo, mas principalmente os seus sucessores, notaram que os meios utilizados para atingir a cura magnética nem sempre eram necessários, bastando por vezes um passe de mãos, ou mesmo a mera sugestão verbal¹⁶. Segundo Mesmer, a analogia entre as propriedades do magnetismo mineral, de um ímã, com as do magnetismo animal, havia sido levada demasiadamente a sério por parte de alguns médicos e físicos. Esse engano, resultado de uma conclusão apressada, consiste em restringir nas propriedades do ímã e da eletricidade as únicas qualidades condutoras para o magnetismo animal. Por conta dessa má compreensão dos procedimentos do magnetismo animal, Mesmer abandona o ímã e a eletricidade, como forma de provar a

potência ativa e terrível que opera os grandes efeitos que se observa com espanto nos tratamentos públicos" (NEUBERN, M. S. *Sobre a condenação do Magnetismo Animal: revisitando a História da Psicologia*, pp. 350-60).

¹⁵ Marquês de Puységur descreve o "Baquet" de Mesmer: "O fundo da tina do Sr. Mesmer é composto de garrafas arranjadas entre si de uma maneira peculiar. Por cima dessas garrafas coloca-se água até certa altura; algumas hastes de ferro, das quais uma extremidade toca a água e saem da tina; a outra extremidade, terminada em ponta, liga-se aos enfermos. Uma corda em comunicação com o reservatório magnético e o *reservatório* comum liga todos os enfermos uns aos outros; o que, se existe uma circulação de fluido ou de movimento, serve para estabelecer o equilíbrio entre eles [...]. Toca-se em cada uma das garrafas que entram no reservatório magnético, desse modo comunicando a elas um impulso magnético animal: com isso se carrega a água que cobre as garrafas e, por essa operação, determinam-se as correntes de movimento conduzidas para as pontas que sobressaem" (CHASTENET, A. M. de. *Memórias para servir à história e ao desenvolvimento do magnetismo animal*, pp. 27-8).

¹⁶ "É o empirismo ou a aplicação às cegas dos meus procedimentos, que deram lugar às prevenções e às críticas indiscretas que se fizeram contra este novo método [...]. Determinados e prescritos de modo positivo, tornar-se-ão, sob uma observação muito escrupulosa, motivo de superstição [...] todos aqueles que quiseram se assegurar por sua própria experiência da realidade do magnetismo, praticando-o sem conhecer os seus princípios, viram-se privados de obter o sucesso que pretendiam, imaginando que os efeitos deveriam ser resultado imediato dos procedimentos como aqueles da eletricidade ou das operações químicas" (MESMER, F. A. *Memória de F. A. Mesmer, doutor em medicina, sobre suas descobertas*, p. 540). Também Marquês de Puységur diz: "A tina, sem a ação de um magnetizador, não deve ser vista então como mais do que um acessório do tratamento magnético, posto que seu efeito, bastante secundário, é muito mais para manter um movimento já impulsionado do que para comunicar outro de si mesma" (CHASTENET, A. M. de. *Memórias para servir à história e ao desenvolvimento do magnetismo animal*, p. 29).

eficácia do seu procedimento sem o uso desses materiais¹⁷.

O pressuposto teórico fundamental da prática do magnetismo animal é o da existência de um fluido contínuo e universalmente distribuído, sem espaço para o vazio, "cuja natureza é suscetível de receber, propagar e comunicar todas as impressões do movimento"¹⁸.

É preciso admitir a existência de um fluido universal, que é o conjunto de todas as séries da matéria dividida pelo *movimento interno* (isto é, o movimento de suas partículas entre si). Neste estado, ele preenche os interstícios de todos os fluidos, do mesmo modo que de todos os sólidos contidos no espaço. Por causa dele, o universo está fundido e reduzido a uma única massa. A fluidez constitui a sua essência. Não tendo nenhuma propriedade, ele não é elástico e não tem peso, mas é o meio apropriado para determinar as propriedades de todas as ordens da matéria que se encontra mais composta e que não é ele próprio. Este fluido está em relação às propriedades que ele determina nos corpos orgânicos do mesmo modo que o ar está para o som e à harmonia, ou o éter para a luz, ou enfim a água para o moinho – isto é, ele recebe as impressões, as modificações do movimento, que lhes transfere, que lhes aplica, e insinua nos corpos orgânicos; e os efeitos assim produzidos são o resultado combinado do movimento e da organização dos corpos¹⁹.

Mesmer acredita ter encontrado, no fluido universal, a *qualitas occulta* dos corpos e dos movimentos no micro e macrocosmo, em que as diferentes propriedades da matéria seriam essencialmente o movimento de ação e reação, fluxo e refluxo, ou, nas palavras dele, de "intenção" e "remissão" desse fluido²⁰. O movimento de fluxo e refluxo pode ser observado na natureza: no movimento das marés, na atração magnética do ímã e mesmo na respiração dos animais; pois o fluido universal é, para Mesmer, o princípio vivificador que anima tudo o que existe²¹. Mesmer defende que a influência mútua entre o ímã e o ferro oferece um rico modelo para o mecanismo do universo, e, assim, o magnetismo animal, enquanto um procedimento de cura, tem a função de reestabelecer

¹⁷ MESMER, F. A. *Memória sobre a descoberta do magnetismo animal*, pp. 314-5.

¹⁸ MESMER, F. A. *Memória de F. A. Mesmer, doutor em medicina, sobre suas descobertas*, p. 525.

¹⁹ *Ibid.*, p. 528, grifos do autor. Esse trecho pode ser complementado com um anterior: "Sendo a fluidez da matéria um estado relativo entre o movimento e o repouso, é evidente que, após se ter esgotado pela imaginação todas as nuances de fluidez possíveis, ser-se-á forçado a atingir a um último grau de subdivisão, e este último grau é este fluido que preenche todos os interstícios resultantes das formas das moléculas associadas. A areia, por exemplo, possui um grau de fluidez. A figura de seus grãos forma necessariamente interstícios que podem estar ocupados pela água; os da água, pelo ar; os do ar, pelo que se chama éter; os do éter, enfim, serão ocupados por uma substância ainda mais fluida [...]. É difícil determinar onde essa divisibilidade termina" (*Ibid.*, p. 526).

²⁰ *Ibid.*, p. 521.

²¹ *Ibid.*

uma harmonia perdida, da mesma forma que o polo positivo de um ímã anseia por encontrar um polo negativo, e vice e versa. Também a polaridade terrestre expressa em um certo nível macroscópico essa relação e, mais expressivamente, a polaridade do universo, que mantém os astros orbitando através de um sistema de influências recíprocas, assegurando, por exemplo, a permanência dos planetas em seus eixos orbitais²².

A partir do que ele chama de "lei do pleno", o médico oferece a sua explicação para a comunicação à distância dos corpos, a qual permite, dentre outras coisas, o procedimento de cura a partir da comunicação do fluido:

Creio ter obtido da natureza este mecanismo de influências, que [...] consiste numa espécie de *entrega* recíproca e alternativa das correntes que entram e saem, de um fluido sutil, preenchendo o espaço entre dois corpos. A necessidade dessa entrega é baseada na lei do *pleno*, o que significa que no espaço cheio de matéria não pode ser feito um deslocamento sem recolocação, o que supõe que se um movimento de matéria sutil é provocado num corpo, produz-se um movimento semelhante num outro corpo suscetível de recebê-la, qualquer que seja a distância entre os corpos. Esta espécie de circulação é capaz de excitar e reforçar neles as propriedades análogas à sua organização, o que se conceberá facilmente refletindo-se sobre a continuidade da matéria fluida, e sua extrema mobilidade: o ímã, a eletricidade, como também o fogo, oferecem-nos modelos e os exemplos desta lei universal²³.

Mesmer argumenta que, se desconsiderar a universalidade desse mecanismo de influências já torna impossível um avanço nos estudos sobre a natureza, tanto mais na aplicação desses estudos com objetivos de cura, pois, se "todas as verdades se relacionam", então as leis pelas quais o universo é governado são as mesmas que regem a harmonia do corpo animal. Assim, "a vida do mundo é uma só, e a do homem individual é apenas parte dela"²⁴. A possibilidade da cura é também explicada pelo instinto: ele é o *sentido íntimo*, como um sexto sentido, presente nos animais e nos seres humanos, por meio do qual percebemos o acordo e o desacordo das substâncias em nosso organismo. O instinto é a faculdade de sentir a harmonia universal, e as relações dos seres e eventos com a nossa conservação²⁵. Pode-se dizer que os objetos utilizados como meio de

²² Ibid., p. 536.

²³ MESMER, F. A. *Memória de F. A. Mesmer, doutor em medicina, sobre suas descobertas*, p. 537, grifos do autor.

²⁴ Ibid., p. 530.

²⁵ Ibid., p. 553.

magnetização animal foram abandonados na medida em que se tornava evidente, através dos experimentos, que esses objetos eram a parte menos influente no procedimento. A parte mais influente era, sim, o estabelecimento do que veio a se denominar o *rapport*, a saber, a *comunicação da vontade entre dois indivíduos*, determinante no processo.

Com efeito, esta comunicação só pode ter lugar entre dois indivíduos no estado originário, quando o movimento resultante dos seus pensamentos é propagado do centro aos órgãos da voz e às partes que servem para expressar os sinais naturais ou de convenção. Estes movimentos são então transmitidos pelo ar ou pelo éter, como veículos intermediários, para serem recebidos e percebidos pelos órgãos dos sentidos externos. Tais movimentos assim modificados pelo pensamento no cérebro e na substância dos nervos são comunicados ao mesmo tempo à série de um fluido sutil com a qual esta substância dos nervos está em continuidade, podendo, independentemente e sem o concurso do ar e do éter, estenderem-se a distâncias indefinidas e comunicarem-se *imediatamente* com o *senso íntimo* de um outro indivíduo. Pode-se perceber como as vontades de duas pessoas podem se comunicar pelos seus sentidos internos. Por consequência, pode existir uma reciprocidade, um acordo, uma espécie de *convenção* entre duas vontades, o que se pode chamar *estar em relação [rapport]*²⁶.

O sexto sentido íntimo é entendido como uma extensão artificial dos outros sentidos, manipulado pelo magnetizador, mas presente de alguma maneira em todos os indivíduos. A possibilidade de uma extensão ou aprimoramento artificial dos sentidos não deve ser, porém, digna de nenhum espanto, na medida em que, por exemplo, um microscópio, ou um telescópio, já são extensões artificiais do sentido da visão. Não fossem conhecidos estes instrumentos, qualquer descrição acerca da realidade fundada na observação a partir deles sequer receberia atenção por aqueles que não concebem a experiência para além das sensações brutas e primitivas²⁷. O sentido íntimo é, antes, um *sentimento*, e sentimentos não se definem, sentem-se. Apresentar provas para o sentido íntimo a quem não o sentiu, diz Mesmer, seria o mesmo que ensinar a um cego de nascença a teoria das cores: "o sentimento e apenas ele pode tornar a teoria

²⁶ MESMER, F. A. *Memória de F. A. Mesmer, doutor em medicina, sobre suas descobertas*, p. 554, grifos do autor. A expressão *rapport*, da língua francesa, literalmente "relação", adquire um uso técnico a partir de Mesmer, para indicar o tipo de relação que se estabelece entre o magnetizador e o magnetizado.

²⁷ "Após as experiências e as observações feitas, existem fortes razões para crer que somos dotados de um sentido *interior* que está em relação com o conjunto do universo, e que poderia ser considerado uma *extensão da visão*" (Ibid., p. 543).

inteligível"²⁸. O estabelecimento do *rapport* entre magnetizador e magnetizado é condição necessária para a cura, de tal modo que no sonambulismo magnético é o próprio sonâmbulo quem, muitas vezes, dá explicações e instruções para o seu processo terapêutico²⁹. Por essa razão, ademais, não seria possível o estabelecimento de um método universal da prática do magnetismo animal, mas cada paciente como que impunha o seu próprio modo de ser tratado, e o diagnóstico e tratamento das patologias somente seriam possíveis mediante o acompanhamento deste enfermo.

A consciência de que, pelo *rapport*, a *vontade* é o verdadeiro agente do magnetismo animal possibilitou um promissor desenvolvimento do *sonambulismo magnético* e da hipnose³⁰. No estado de sono natural, explica Mesmer, as funções dos sentidos externos ficam suspensas, e, assim, cessam todas as atividades que mediata ou imediatamente dependem dos sentidos externos, como a imaginação, a memória, os movimentos voluntários dos músculos e dos membros, a linguagem, etc. No estado de sono, as impressões sensíveis não surgem a partir dos sentidos externos, mas direta e imediatamente pelos nervos, de modo que "o senso íntimo se torna o único órgão das sensações"³¹. No sonambulismo magnético, esse estado é induzido para fins de cura, e as duas condições para que ele ocorra são: a suspensão total da atividade dos sentidos externos, e a disposição do órgão do sentido íntimo³². Um dos responsáveis pelo desenvolvimento e detalhamento das experiências com o sonambulismo magnético, Marquês de Puységur, chega a dizer que a relação entre o magnetizador e o sonâmbulo magnetizado é análoga ao processo envolvido na gesticulação de um indivíduo:

O doente, nesse estado, entra em *relação tão íntima com o seu magnetizador*, que quase se poderia dizer que faz parte dele. Quando então, pela *simples vontade*, se consegue levar um ser magnético a se mover, não acontece nada de mais surpreendente do que na operação ordinária de nossos gestos. Eu quero pegar um papel sobre uma mesa, ordeno ao meu braço e à minha mão que o peguem. Como a relação é das mais íntimas entre o meu princípio motor, que é a minha *vontade*, e minha mão, o efeito de *minha vontade* manifesta-se de maneira tão

²⁸ Ibid., p. 361.

²⁹ É o caso de Puységur, que registrava as descrições narradas pelos próprios pacientes colocados em estado de lucidez sonambúlica, o paciente descrevia o movimento do fluido vital envolvendo ele próprio (FIGUEIREDO, P. H. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*, p. 105).

³⁰ A hipnose está diretamente relacionada com o sonambulismo magnético, em uma versão mais moderna estabelecida a partir do médico britânico James Braid, em 1842.

³¹ MESMER, F. A. *Memória de F. A. Mesmer, doutor em medicina, sobre suas descobertas*, pp. 556-7.

³² Ibid., pp. 559-60.

instantânea que eu não tenho necessidade de reflexão para operá-lo³³.

Ainda não se trata, para Mesmer e Puységur, da *vontade metafísica*, tal como se encontra na filosofia de Schopenhauer, mas uma vontade intencional de um indivíduo sobre outro que recebe passivamente, como se fora dele mesmo, as ordens para a condução do seu tratamento. Todavia, essa relação estabelecida intimamente entre magnetizador e sonâmbulo, ao produzir uma ação a partir da mera obstinação, indicará uma profunda correspondência entre a prática do magnetismo, a partir de observação e dos relatos dos magnetizadores, e a filosofia desenvolvida por Schopenhauer, que encontra no magnetismo animal uma confirmação prática de sua doutrina teórica.

2. Magnetismo animal, magia e a onipotência da vontade

O magnetismo animal provavelmente atraiu a atenção de Schopenhauer no ano de 1812, durante seus estudos em Berlim, mas podem ser encontradas anotações sobre o tema nos seus cadernos já desde 1821, muito antes do magnetismo animal ser considerado por ele uma confirmação da sua filosofia. Schopenhauer teve, sim, a oportunidade de ir pessoalmente, acompanhado do médico Wolfart, a um dormitório onde havia pessoas induzidas artificialmente ao estado de sonambulismo, e com uma delas pode ter uma eloquente conversa³⁴. Fascina Schopenhauer o fato do magnetismo animal ser uma *prática eminentemente metafísica*, pois, diferentemente das outras experiências da natureza, e dos outros experimentos da ciência, o magnetismo animal revela uma ação de cujos efeitos não se determinam as causas, na medida em que elas fogem ao domínio da física, isto é, escapam do domínio da causalidade no mundo efetivo. Isso implica que o magnetismo opera uma *ação à distância*, sem que haja uma conexão observável, visível, no evento, que explique a relação entre o toque de mãos, por exemplo, e a cura de um enfermo que sofre de epilepsia. Tampouco a causalidade fornece uma conexão entre a cura da epilepsia e outras patologias muito distintas, como a cegueira, que são tratadas pelo mesmo procedimento³⁵.

³³ CHASTENET, A. M. de. *Memórias para servir à história e ao desenvolvimento do magnetismo animal*, pp. 170-1, grifos do autor.

³⁴ HÜBSCHER, A. *Denker gegen den Strom: Schopenhauer: gestern – heute – morgen*, pp. 52-3.

³⁵ Um dos casos de cura mais conhecidos de Mesmer foi o da cantora e pianista Maria Theresa Paradis, completamente cega desde os quatro anos, a partir dos sete descobre a aptidão e o amor pela música: "Era uma amaurose [cegueira] completa, com convulsões nos olhos. Ela estava ainda atacada por melancolia, Schopenhauer e a magia

Na raiz do pensamento sobre o magnetismo animal está o pensamento sobre a magia. Para Schopenhauer, o magnetismo animal é, não apenas um ramo, mas uma retificação acerca do juízo sobre a antiga magia, dada sua roupagem científica que lhe conferiu, apesar das críticas, um estatuto de prática médica, debatido e discutido em ambientes acadêmicos³⁶. O magnetismo animal é, no fundo, o que já se chamou de "magia branca", que se opõe à "magia negra", oposição cuja origem reside na confusão entre os efeitos da magia, bem-estar e mal-estar – provocados por *fascinatio* ou *maleficium* – com a avaliação moral e religiosa dessas práticas³⁷. Considerada por si mesma, porém, a magia está para além do bom e do mau, pois o juízo moral e religioso acerca da sua prática nunca interferiu na pragmática dos seus resultados³⁸. A possibilidade de procedimentos mágicos eficazes, considerados milagrosos, sem uma religião ou explicação de fundo, é o que intrigava as autoridades inquisidoras da Europa, e, assim, a caça às bruxas não teria sido, para Schopenhauer, de todo infundada³⁹. Além do mais, a associação da magia com deuses e demônios, de toda seita ou cor, foi sempre uma maneira de tornar compreensível o metafísico, "aquilo que se encontra por detrás da natureza, que lhe confere a sua existência e continuidade, e que, por conseguinte, a domina"⁴⁰.

A magia é um fenômeno raro e cotidiano, pois reúne tanto as práticas surpreendentes de manipulação de objetos à distância, quanto as chamadas "simpatias", práticas de cura, e até amarrações amorosas, que estão presentes até hoje em diversas culturas. As simpatias são até hoje frequentes em casos como os da cura de verrugas, herpes e febres, cuja eficácia o próprio Bacon havia atestado⁴¹. O estabelecimento do

acompanhada de uma obstrução no baço e no fígado, que a levava muitas vezes a acessos de delírio e de furor, próprios para convencer que ela era uma doida consumada" (MESMER, F. A. *Memória sobre a descoberta do magnetismo animal*, pp. 317-8).

³⁶ SCHOPENHAUER, A. N, pp. 163-7.

³⁷ SCHOPENHAUER, A. N, pp. 166, 174.

³⁸ *Ibid.*, p. 188.

³⁹ *Ibid.*, p. 166. Não é difícil compreender que em uma instituição política, como também é a Igreja Católica, a possibilidade de milagres não cristãos coloca em xeque as poucas evidências empíricas dos dogmas e, por consequência, também a própria instituição religiosa.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 175.

⁴¹ *Ibid.*, p. 164. "Os jornais ingleses (de por volta do fim de agosto de 1845) contam com grande escárnio, como uma superstição inaudita, que um jovem, o qual sofria havia tempos de uma febre fria (*ague fever*) que sempre retornava, tendo sido tratado em vão por médicos, utilizou-se, seguindo o conselho de uma sábia senhora, do seguinte *antídoto simpático*, ao que se recuperou em seguida – aprisionou uma aranha em uma casca vazia de noz, amarrou-a com um barbante e carregou-a no pescoço: na medida em que a aranha definha, morre e se decompõe, a febre recua [...]. A seguinte *cura simpática* me foi relatada pelo dr. Neef como tendo sido realizada com sucesso diante de seus próprios olhos. Tratava-se de um tumor na Schopenhauer e a magia

método alopático na medicina tradicional para a cura das enfermidades é um advento bastante recente, e em alguns lugares ainda inexistente. Por muitos séculos as práticas simpáticas foram a única alternativa de cura, apesar de terem sido postas em dúvida pelo presunçoso século das luzes⁴². Todavia:

Para sorrir precipitadamente perante toda simpatia misteriosa ou mesmo perante qualquer efeito mágico, é preciso que se considere o mundo bastante, ou mesmo absolutamente, compreensível. Isso, porém, só é possível se o observamos com um olhar deveras superficial, que não admite nenhuma suspeita de que estejamos afundados em um mar de enigmas e incompreensibilidades, e que fundamentalmente não conhecemos de imediato nem as coisas, nem a nós mesmos⁴³.

O fundamento metafísico da magia reside, para Schopenhauer, na distinção entre coisa em si e aparência, *vontade* e *representação*. O verdadeiro agente da magia, na qual se incluem o magnetismo animal e as curas simpáticas, é a *vontade que atua de forma subterrânea como coisa em si no mundo efetivo*, e que produz eventos metafísicos onde o entendimento procuraria os físicos, isto é, eventos que não são adequados ao princípio de razão (espaço, tempo e causalidade). Assim, o mundo aparece, na sua superfície, por um nexo de relações físicas, que diz respeito às formas do princípio de razão: o movimento mecânico, a eletricidade, o magnetismo mineral, as reações químicas, etc. Mas a consideração dessas relações em si mesmas, o *por que* delas, não está ao alcance do intelecto e, por isso, em última instância, as propriedades essenciais do mundo são *qualitas occulta*, um "x" desconhecido para o entendimento⁴⁴. A compreensão metafísica a respeito dessas qualidades se dá por um "espelhamento", ou uma "exegese" da experiência⁴⁵, que consiste em um discurso especulativo *a posteriori* da realidade dos fatos, que apenas indica, por via negativa, a verdade essencial desses fatos, mas nunca alcança eles mesmos⁴⁶. Por se apresentar no mundo efetivo como um "efeito sem causa",

mão: este foi friccionado com um ovo até que o local se mostrasse relativamente úmido, ovo este que foi em seguida enterrado em um formigueiro de formigas-de-cupim (formigas grandes e avermelhadas, medindo meia polegada). Já na primeira noite a paciente sentiu um formigar insuportável como que de formigas no local; a partir de então o tumor começou a diminuir, até sumir completamente depois de algum tempo, sem mais retornar" (Ibid., p. 232, nota L5).

⁴² SCHOPENHAUER, A. P I, p. 251.

⁴³ SCHOPENHAUER, A. N, p. 167.

⁴⁴ SCHOPENHAUER, A. MVR I, §17, p. 95.

⁴⁵ Trata-se das duas metáforas utilizadas por Schopenhauer para designar a atividade filosófica, como *Abspiegelung* e como *Auslegung*, respectivamente (SCHOPENHAUER, A. MVR I, §15, p. 98; MVR II, Cap. 17, p. 223).

⁴⁶ Ibid.

a magia se caracteriza como um conteúdo inexplicável e, por isso, "sobrenatural":

Ao vermos agora a vontade, a qual eu apontei como a coisa em si, o unicamente real em toda a existência, o cerne da natureza, partir do indivíduo humano no magnetismo animal, e para além disso perpetrar atos inexplicáveis segundo a conexão causal, quer dizer, pela lei do curso da natureza, chegando a suspender essa lei em certa medida e praticando efetivamente uma *actio in distans*, exibindo assim um domínio sobrenatural, isto é, metafísico sobre a natureza – eu não saberia dizer que confirmação mais positiva de minha doutrina ainda restaria exigir⁴⁷.

A magia opera no âmbito da efetividade e da necessidade uma liberdade que só pode ser explicada, pensa Schopenhauer, pela distinção entre coisa em si e aparência. Somente aceitando esta tese torna-se possível a compreensão de que o verdadeiro agente da magia não é o indivíduo isolado, mas a vontade em si mesma, pois apenas ela é indiferente ao princípio de razão e à individuação, que determinam os limites de diferenciação na aparência. Ora, isto equivale a dizer que a magia é uma ponte na efetividade para a ação da vontade como coisa em si, um caso paradigmático, um *fenômeno*, da metafísica teórica de Schopenhauer⁴⁸. Neste sentido, falar de *fenômeno sobrenatural* não é mais que falar de *fenômeno metafísico*, evento que tem a especificidade de revelar o lado metafísico do mundo, a face obscura e oculta daquilo que apreendemos ordenadamente.

Os casos relatados por Schopenhauer são dos mais variados, e alguns chamam especial atenção pelo seu aspecto sobrenatural, como o caso de um encantador de cavalos, narrado em uma edição do *Times* de 1855, que teria curado os sofrimentos de uma égua de guerra, prestes a ser sacrificada pelo grave adoecimento, apenas fazendo três nós no cinto que vestia, ao que imediatamente a égua se recupera, erguendo-se para comer⁴⁹. Também o caso da sonâmbula Auguste K., que, quando em estado de sonambulismo natural por meio de uma sonolência, impediu o irmão de tocar uma peça de piano que não lhe agradava, apenas com uma vontade obstinada, impedindo-o de relembrar da peça. Em um caso ainda mais surpreendente, a mesma sonâmbula teria

⁴⁷ SCHOPENHAUER, A. N, p. 162.

⁴⁸ Com a magia, a expressão *Phänomen* revela um traço especial de sentido, que a afasta da herança kantiana, da distinção entre coisa em si e fenômeno, e, ao mesmo tempo, resgata a sua origem coloquial. Assim, quando se fala, por exemplo, dos "fenômenos sobrenaturais" não se fala apenas de um evento qualquer, mas de um evento inexplicável e surpreendente.

⁴⁹ SCHOPENHAUER, A. N, pp. 232-3, nota F35.

desviado a agulha de uma bússola sem qualquer uso das mãos, diante de testemunhas que relataram o mesmo acontecimento. Por meio da fixação do olhar sobre a agulha, ela teria, ainda, repetido o mesmo experimento quatro vezes⁵⁰. Somam-se aos relatos de Schopenhauer exemplos de magia negra e bruxaria, que corporificam um desejo de vingança em objetos que encarnam o alvo dos sofrimentos a serem provocados por uma *imaginatio* veemente⁵¹. A *imaginatio* é a imaginação guiada por um desejo veemente de alcançar um objetivo a partir da potência da vontade. Para Teofrasto Paracelso, considerado por Schopenhauer o autor mais elucidativo quanto à essência íntima da magia, trata-se de um "desejar fervoroso", um efeito poderosíssimo da *vontade*, que é capaz de causar a morte de um adversário⁵². A eficácia desses feitiços só é possível, para Paracelso, pois toda *imaginatio* parte do coração, e este é, por sua vez, um microcosmo conectado no macrocosmo do universo, tornando possível que a materialização de seus desejos avance os limites do indivíduo particular⁵³. Uma explicação semelhante Schopenhauer encontra nos relatos de Jane Leade, teósofa mística e visionária inglesa, que explica o poder mágico a partir de uma unificação entre a vontade humana e a divina, permitindo ao indivíduo usufruir e participar da onipotência divina⁵⁴.

⁵⁰ Ibid., pp. 161-2.

⁵¹ Schopenhauer menciona o relato sobre uma prática na ilha Nuka-Hiva, hoje pertencente à Polinésia Francesa, em que se provoca a morte de outrem por uma espécie de feitiço. A prática é narrada por Krusenstern: "Essa feitiçaria, que entre eles se chama *kaha*, consiste em matar lentamente alguém contra quem se guarde rancor; vinte dias é o prazo estabelecido para tal. Nisso, age-se do seguinte modo: quem deseja exercer sua vingança por meio da feitiçaria busca obter de alguma maneira a saliva, a urina ou os excrementos de seu inimigo. Mistura-os, então, com um pó, põe a substância misturada em uma bolsa tecida de maneira específica e enterra-a. O segredo mais importante consiste na arte de tecer a bolsa corretamente e na preparação do pó. Assim que a bolsa é enterrada, revelam-se os efeitos naquele sobre o qual está posto o feitiço. Ele adocece, torna-se a cada dia mais débil, perde por fim todas as suas forças e após vinte dias morre certamente. Se, porém, ele tenta afastar a vingança de seu inimigo, comprando sua vida com um porco ou algum outro presente importante, ele pode ser salvo ainda no 19º dia, e, assim que a bolsa é desenterrada, interrompem-se também imediatamente os sintomas da doença. Ele recupera-se aos poucos e está totalmente restituído após alguns dias" (SCHOPENHAUER, A. N, p. 234, nota F39).

⁵² SCHOPENHAUER, A. N, p.178.

⁵³ Ibid., pp. 178-9. Schopenhauer cita Paracelso: "A imaginação parte do apetite e da avidez: o apetite gera inveja, ódio, pois estes não ocorrem se não tivermos apetite para tal. De modo que assim que tiveres apetite, segue a obra da imaginação. Esse apetite deve ser tão veloz, ávido, destro quanto o de uma mulher grávida etc. – Uma maldição vil torna-se via de regra real: por que? Ela parte do coração: e no partir do coração encontra-se a semente germinal" (PARACELSO *apud* SCHOPENHAUER, A. N, pp. 179-80).

⁵⁴ Ibid., pp. 188-9. Seguindo esse raciocínio, Jane Leade explica que Cristo realizou seus milagres pelo poder de sua vontade, quando, por exemplo, disse a um leproso: "Eu *quero*, sê purificado". Ela prossegue: "Às vezes, porém, ele deixava depender da vontade daqueles que ele notava acreditarem nele, ao dizer-lhes: 'O que *quereis* que vos faça?'. Ao que era executado, para seu benefício, nada menos do que aquilo que desejavam em sua vontade que o Senhor lhes tivesse feito. Essas palavras de nosso Salvador merecem ser bem observadas por nós, pois *a magia mais elevada encontra-se na vontade*, na medida em que se encontra em união com a vontade do Altíssimo: quando essas duas rodas penetram uma à outra, tornando-se *uma*, passam à união etc." (LEADE *apud* SCHOPENHAUER, A. N, p. 189, grifos do autor). Curiosamente, aqui, a magia alia-se com a religião, em que Cristo é o mago e executa a vontade divina

3. Uma *Experimentalmetaphysik*

Com base nesses relatos, diz Schopenhauer:

Eu sou, portanto, da opinião de que a origem desse pensamento tão universal, tão inabalável, apesar da oposição de tanta experiência e do entendimento humano comum, deve ser buscada em um local muito profundo, a saber, no sentimento interno da onipotência da vontade em si, dessa vontade que é ao mesmo tempo a essência íntima do ser humano e da natureza como um todo, e na pressuposição ligada a ele de que essa onipotência poderia também alguma vez, por algum meio, ser levada a valer como partindo do indivíduo⁵⁵.

A magia descortina a possibilidade da atuação onipotente da vontade em si partindo do indivíduo, isto é, no plano da efetividade, da realidade empírica. Precisamente porque a magia é uma experiência empírica da unidade da vontade ela pode ser denominada uma *Experimentalmetaphysik*, isto é, uma "metafísica experimental", expressão que serve de sinônimo de "metafísica prática", por acentuar o aspecto empírico de uma experiência metafísica, antes mesmo de se avaliar a qualidade moral e os resultados dessa experiência, se é boa ou útil, por exemplo. A atividade da vontade em si é livre de quaisquer determinações, pois o que é bom ou útil, para Schopenhauer, o é apenas relativamente, e nunca em si mesmo⁵⁶. Os experimentos mágicos evidenciam a possibilidade da suspensão do isolamento individual da vontade, que amplia o âmbito de ação *imediata*. A vontade é, para o filósofo, o verdadeiro agente mágico, e os meios para o emprego de suas práticas, já Mesmer concluíra, são totalmente dispensáveis, ainda que muitas vezes úteis⁵⁷.

onipotente, a partir da vontade e da crença na sua execução. Ao refletirmos sobre o destino de Cristo, ademais, podemos dizer que a cruz fora a fogueira de sua época, a condenar esse jovem bruxo. A eficácia de suas práticas milagrosas confrontava a ordem social vigente, assim como também as autoridades religiosas e políticas da época.

⁵⁵ Ibid., p. 171.

⁵⁶ SCHOPENHAUER, A. MVR I, §65, pp. 417-21. Para ele, primeiro dado é a vontade, a deliberação, ponderação, são apenas secundárias, por esse motivo o intelecto nunca prescreve uma ação, apesar de poder iluminar os motivos, e também por isso uma filosofia nunca leva à ação, mas a reflete depois de sua ocorrência (SCHOPENHAUER, A. MVR II, Cap. 19, p. 270).

⁵⁷ "Descobrimos, a partir do pensamento fundamental apresentado, que em todas as tentativas de magia o meio físico empregado era tomado sempre apenas como veículo de um meio metafísico, uma vez que, no mais, não poderia evidentemente ter nenhuma relação com o efeito pretendido: entre estes estavam palavras estranhas, ações simbólicas, imagens desenhadas, figuras de cera etc." (SCHOPENHAUER, A. N, pp. 171-2).

A partir da conexão entre vontade individual, microcós mica, e vontade em si, macrocós mica, o indivíduo é capaz de agir como se fosse coisa em si, ou, nos termos de Espinoza, agir como *natura naturans*, ao invés de agir causalmente como *natura naturata*. A magia levanta a possibilidade de que haveria,

além da conexão externa entre as aparições, fundamentada pelo *nexum physicum*, ainda uma outra, que atravessaria a essência em si de todas as coisas como uma espécie de conexão subterrânea, graças à qual seria possível, partindo de *um* ponto da aparição, agir imediatamente sobre todos os outros por meio de um *nexum metaphysicum*; que, portanto, deveria ser possível agir sobre as coisas a partir de dentro, ao invés do agir comum a partir de fora, um agir da aparição sobre a aparição graças à essência em si, a qual é uma e a mesma em todas as aparições; que, assim como agimos causalmente como *natura naturata*, nós poderíamos também ser capazes de uma ação como *natura naturans*, fazendo valer momentaneamente o microcosmo como macrocosmo; que as divisórias que separam os indivíduos, por mais firmes que sejam, poderiam permitir ocasionalmente uma comunicação como que por detrás dos bastidores, ou como um jogo secreto sob a mesa"⁵⁸.

Essa "comunicação por detrás dos bastidores", o "jogo secreto sob a mesa", é no que consiste o *rapport* magnético animal, a expressão da simpatia no fenômeno da magia, possível apenas pela identidade entre microcosmo e macrocosmo, isto é, da vontade manifestada no indivíduo e da vontade como coisa em si. A magia criaria uma espécie de ponte empírica que permite um influxo metafísico subterrâneo e invisível, através de um desejo que vira ato, da vontade que adquire um *corpus* efetivo, na ação simpática. Ora, a efetividade (*Wirklichkeit*), como Schopenhauer denomina a realidade empírica submetida ao princípio de razão e à individuação, é um fazer-efeito na realidade. Em si mesma, porém, a vontade não é causa e nem é efeito de nada, na medida em que ela sempre é atividade pura sem nunca deixar de ser, e qualquer mudança ou movimento é mera aparência⁵⁹.

A magia e o magnetismo animal são evidências de uma duplicidade do gênero humano: o ser humano é, assim, um *animal compositum*, um animal composto, dotado tanto de uma parte consciente quanto de outra inconsciente, ambas expressas fisiologicamente no *sistema nervoso cerebral*, com foco no cérebro, e no *sistema nervoso simpático*, ganglionar ou vegetativo, com foco no estômago⁶⁰. A consciência cerebral,

⁵⁸ SCHOPENHAUER, A. N, p. 170.

⁵⁹ SCHOPENHAUER, A. MVR I, §23, p. 132.

⁶⁰ SCHOPENHAUER, A. MVR II, Cap. 25, pp. 392-3.

ativa em toda sua potência na vigília, isola os indivíduos, como também o cérebro parece isolar-se do restante do corpo, preso a ele por um frágil pescoço. Durante o sono, a atividade cerebral, que consiste tanto na excitação externa mediada pelos sentidos, as sensações, como na interna, mediada pelos pensamentos, é reduzida ao mínimo. No seu lugar, predomina a atividade do sistema nervoso simpático, parte inconsciente do indivíduo, que atua durante o sono para a restituição da saúde do organismo, reduzindo a respiração, o pulso, o calor e quase todas as secreções, ocupando-se quase que exclusivamente da lenta reprodução⁶¹. Essa função orgânica do indivíduo, intimamente ligada às funções vitais mais básicas, é também responsável pela cura natural de enfermidades, e se expressa em um antigo conceito: a *vis naturae medicatrix*, "força curativa da natureza"⁶². Schopenhauer defende que o corpo possui propriedades curativas internas a ele mesmo, e a *vis naturae medicatrix* não seria outra coisa que não outra expressão para a vontade de vida (*Wille zum Leben*), o impulso de conservação da vida. Na origem dessa discussão está uma diferença fundamental entre dois modelos de cura:

É muito clara para mim a ideia de que, à parte algumas exceções, as doenças agudas não são senão processos de cura que a própria natureza introduz para a remoção de alguma desordem no organismo. Para esse propósito, a *vis naturae medicatrix*, investida de poderes ditatoriais, toma medidas extremas e isso constitui as doenças sensíveis [...]. A alopatia ou a enantopatia combatem com todas as forças um tal processo. A homeopatia, por sua vez, esforça-se por acelerá-lo ou fortificá-lo, quando não tenta sobrecarregá-lo fazendo uma caricatura do mesmo ao acelerar a reação como resultado do exagero e de toda visão unilateral das coisas [...]. Somente as curas que a própria natureza conduz e com seus próprios meios são sólidas⁶³.

Schopenhauer, que chegou a cursar medicina⁶⁴, alia-se, assim, à homeopatia, na

⁶¹ SCHOPENHAUER, A. P I, p. 257.

⁶² A *vis naturae medicatrix* é um conceito atribuído a Hipócrates (460 a.C.-370 a.C.), um dos pais da medicina ocidental e, muitas vezes, considerado responsável pelo estabelecimento dos princípios da medicina vitalista e da homeopatia, entre os séculos XVIII e XIX. A ideia fundamental é a de que *Natura medicatrix, quae lucere oportet, quae máxime vergunt, o ducenda per loca convenientia*, isto é, "a natureza cura, mas com a condição de que seus efeitos sejam sustentados, auxiliados e dirigidos convenientemente" (FIGUEIREDO, P. H. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*, p. 101).

⁶³ SCHOPENHAUER, A. *Sobre a filosofia e seu método*, § 99, pp. 228-9.

⁶⁴ Schopenhauer matricula-se em medicina na Universidade de Göttingen no ano de 1809, onde permanece por dois anos, antes de se decidir pelo estudo exclusivo da filosofia (SAFRANKSI, 2011, pp. 190-223).

medida em que reconhece as propriedades curativas inerentes ao próprio organismo⁶⁵. Estas propriedades são ativadas especialmente no sono, em que o indivíduo se assemelha a uma flor de lótus, "que de noite afunda na corrente"⁶⁶, no fundo comum de todos os seres que é abandonado durante o dia.

Essa é a explicação de Schopenhauer para o sonambulismo magnético, provocado pelo magnetizador, cujo controle atua em um nível inconsciente, a partir das funções simpáticas do organismo. Schopenhauer se surpreende com as performances do Sr. Regazzoni, vistas no ano de 1854, dizendo ter tido a sorte de acompanhar o extraordinário e incontestável poder da vontade agindo sobre os outros. Diz Schopenhauer:

Ele era capaz de pôr sua sonâmbula, empaticamente ligada a ele⁶⁷, em *catalepsia* completa⁶⁸; ele podia, por meio de sua mera vontade, sem

⁶⁵ Em grego, "homeopatia" é a junção de "hómoios/ὅμοιος", "semelhante", e "páthos/πάθος", "afecção", "doença", a etimologia expressa a ideia fundamental da homeopatia, a cura a partir do próprio organismo. "Alopatia", que em grego é a junção de "álos/ἄλλος", "diferente", e "páthos/πάθος", expressa a ideia de uma cura externa ao organismo, cuja maior expressão são os medicamentos. Na visão de Schopenhauer, o medicamento da homeopatia é a *vis naturae medicatrix*: "Os remédios dos médicos são dirigidos em geral apenas contra os sintomas, que eles tomam pelo próprio mal; por isso, depois de uma tal cura nos sentimos pouco à vontade. Pelo contrário, se damos tempo à natureza, ela completa por si mesma a cura, depois da qual nos sentimos melhor do que antes da doença, ou, quando uma única parte é afetada, ela se fortalece. Podemos observar isso facilmente e sem risco em pequenos males que nos afetam periodicamente. Concedo que há exceções, isto é, casos em que somente o médico pode ajudar; a sífilis, por exemplo, é o trunfo da medicina [alopática]. Mas a maior parte das curas é simplesmente obra da natureza, pela qual o médico embolsa sua quota, mesmo quando, apesar dos esforços dele, ela atinge seus fins" (SCHOPENHAUER, A. *Sobre a filosofia e seu método*, § 99, pp. 228-9).

⁶⁶ A flor de Lótus é uma espécie de flor aquática enraizada em meio à lama e lodo. Durante a noite as pétalas da flor se fecham e ela mergulha debaixo d'água, para, ao amanhecer, emergir novamente na superfície.

⁶⁷ No original, lê-se: "Seine mit ihm in Rapport stehende Somnambule konnte er beliebig in vollständige *Katalepsie* versetzen, ja, er konnte durch seinen bloßen Willen, ohne Gestus, wenn sie gieng und er hinter ihr stand, sie rücklings niederwerfen". Está em jogo a expressão "rapport" que se tornou importante para designar o tipo de relação em que se estabelece uma comunicação entre magnetizador e magnetizado. Considerando-se a boa escolha pela tradução por "empatia", de Gabriel Valladão, penso que "simpatia" é uma tradução ainda mais adequada, por se tratar de uma comunicação entre vontades que se reconhecem como parte de um mesmo todo, no espírito do que foi dito anteriormente. O prefixo "sim", de "simpatia", indica uma participação comum da afeção ou sentimento, enquanto que o prefixo "em", de "empatia", parece indicar uma introjeção de um indivíduo no outro ou, pelo menos, uma simulação do outro na consciência do sujeito empático. Aplicando-se à filosofia de Schopenhauer, temos que onde há uma participação comum há a unidade da vontade, enquanto que onde há introjeção ou simulação da consciência há a atividade do intelecto na pluralidade. A simpatia é, assim, a experiência da vontade como coisa em si, enquanto que a empatia é a experiência do intelecto e, conseqüentemente, como aparência. Para uma discussão acerca da "simpatia" em Schopenhauer, remeto ao segundo capítulo de minha tese de doutorado (SILVA, L. *Metafísica prática em Schopenhauer*, 2017, pp. 55-82).

⁶⁸ A "catalepsia" é um estado de paralisia do corpo, que não responde aos comandos voluntários da consciência desperta. Todos podem eventualmente acordar em um estado de catalepsia, mas ela pode também atingir maior gravidade, quando ocorre com mais frequência e por um período de longa duração. Do ponto de vista fisiológico, a catalepsia é explicada por Schopenhauer pelo isolamento entre o cérebro e a espinha dorsal, que pode se dar parcial ou completamente, na paralização apenas dos nervos motores, Schopenhauer e a magia

gestos, derrubá-la para trás quando ela caminhava e ele se colocava atrás dela. Ele podia paralisá-la, pô-la em estados de rigidez, com pupilas dilatadas, completa ausência de sensibilidade e os sinais mais inconfundíveis de um estado totalmente cataléptico. Ele convidou uma senhora do público a tocar piano, para então, pondo-se a quinze passos atrás dela, paralisá-la por meio da vontade com gestos de tal modo que ela não podia seguir tocando. Depois ele a pôs contra uma coluna e a prendeu magicamente a ela, de modo que ela não podia mover do lugar, apesar do grande esforço que fazia⁶⁹.

4. Visão de espíritos, sonambulismo e a onisciência da vontade

No conjunto dos fenômenos que chamaríamos hoje de "paranormais"⁷⁰, estão incluídas as visões de espíritos, as vidências, o sonambulismo magnético, a telepatia, as premonições, a hipnose, e outros fenômenos que evidenciam não apenas a atuação da vontade, mas também um nível de consciência que ultrapassa aquela guiada pelas formas do princípio de razão. Esta outra classe de fenômenos metafísicos é particularmente importante, para Schopenhauer, pois revela empiricamente a idealidade do tempo, espaço e da causalidade, servindo também de comprovação daquela passagem subterrânea aberta pela metafísica prática. Depois de ter estabelecido a intelectualidade da intuição empírica⁷¹, Schopenhauer admite a possibilidade de uma "segunda visão" que, diferentemente da primeira, não seria mediada pelos sentidos externos, mas se voltaria para o interior da consciência. Explorando ainda mais a sua tese sobre a unidade da vontade, Schopenhauer explica a possibilidade das visões de espíritos e demais visões sobrenaturais pelo fato delas brotarem da mesma fonte de todo conteúdo concreto da realidade e, por isso, as imagens internas deveriam ser admitidas com a mesma validade daquelas provocadas pelos sentidos externos. Além disso, a segunda visão apresentaria uma vantagem: de não ser restrita ao domínio do princípio de razão, e por isso de

em que a sensibilidade permanece, ou a paralização também de todos nervos sensíveis. Para Schopenhauer, Regazzoni provoca a catalepsia por meio da influência mágica de sua vontade (SCHOPENHAUER, A. N, p. 231, nota F33).

⁶⁹ Ibid., pp. 230-1, nota F33.

⁷⁰ "Paranormal" é outra expressão que possui um sentido equivalente a "metafísico".

⁷¹ "Toda intuição é intelectual, pois sem o *intelecto* jamais haveria visão, percepção ou apreensão de *objetos*, mas restaria a mera sensação de que, como dor ou bem-estar, poderia ter quando muito um significado em relação à vontade, mas seria apenas uma alternância de estados vazios de significado, em nada semelhante ao conhecimento [...] Se alguém diante de uma bela e vasta paisagem fosse por um momento desprovido de todo intelecto, nada lhe restaria de toda a paisagem a não ser a sensação de um estímulo muito variado de sua retina, semelhante a diversas manchas cromáticas numa paleta de pintor, o que seria, por assim dizer, a matéria bruta da qual seu intelecto criou há pouco tal visão" (SCHOPENHAUER, A. *Sobre a visão e as cores*, § 1, pp. 29, 32, grifos do autor).

Schopenhauer e a magia

fornecer um conteúdo além do tempo, espaço e causalidade.

Em primeiro lugar, assim, a questão é se em nosso intelecto intuitivo, ou cérebro, podem realmente surgir imagens intuitivas perfeita e indiscernivelmente iguais às que provocam nele a presença dos corpos atuando sobre nossos sentidos, porém sem este influxo. Felizmente um fenômeno muito familiar nos tira as dúvidas a esse respeito: o *sonho*⁷².

Para enfrentar a descrença em relação a esses fenômenos, Schopenhauer recorre à experiência corriqueira do sonho, no intuito de mostrar que a fonte inesgotável da qual brotam as imagens oníricas é a mesma das imagens da sensibilidade exterior, e, portanto, essas imagens, além de possuírem a mesma vivacidade na consciência, possuem também a mesma realidade. A possibilidade de uma "segunda visão", o "sexto sentido" de Mesmer, é, na verdade, a possibilidade da experiência "às avessas", isto é, da mesma forma que o cérebro é estimulado a partir de fora, pela afecção dos sentidos, ele também é estimulado a partir de dentro, nos sonhos, os quais, tal como Schopenhauer compreende, não podem ser resumidos às associações de ideias e à fantasia. Mesmo essas surgem por muitas vezes de maneira absolutamente imprevisível e arbitrária, e se impõem à consciência sem a nossa intervenção e contra a nossa vontade. Isso só é possível porque a consciência é, de certo modo, dupla e dividida, constituída de uma parte consciente e outra inconsciente, de modo que também é capaz de intuir independentemente das impressões exteriores, a partir do interior do próprio organismo⁷³.

A única diferença entre sonho e vigília está, para Schopenhauer, no encadeamento causal. Assim, o despertar é, objetivamente, o único critério distintivo, pois, para medir a vivacidade do sonho e da vigília seria preciso ter a experiência simultânea de ambos, o que não é possível, restando para a vigília apenas a lembrança do sonho, e para o sonho, muitas vezes, o esquecimento da vigília⁷⁴. Utilizando-se de uma metáfora, Schopenhauer explica como o encadeamento causal distingue as duas experiências:

⁷² SCHOPENHAUER, A. P I, p. 253, tradução livre.

⁷³ Aplica-se neste contexto a seguinte ressalva feita por Schopenhauer: "No sonambulismo magnético a consciência duplica-se: nascem duas séries de conhecimento, cada uma coerente em si mesma, porém, completamente separada da outra; a consciência desperta não sabe nada da consciência sonambúlica. No entanto, a vontade conserva em ambas o mesmo caráter e permanece absolutamente idêntica: exterioriza em ambas as mesmas inclinações e aversões. – É que a função pode ser duplicada, não a essência em si" (SCHOPENHAUER, A. MVR II, Cap. 19, p. 295).

⁷⁴ SCHOPENHAUER, A. P I, p. 262.

A vida e os sonhos são folhas de um mesmo livro. A leitura das folhas em ordem coerente se chama vida real. Quando, porém, finda o tempo habitual da leitura (o dia) e chega o momento de repouso, ainda folheamos com frequência descontraídos, sem ordem coerente, ora uma folha aqui, ora outra ali: muitas vezes viramos uma folha já lida, outras, uma desconhecida, mas sempre são folhas do mesmo livro. Uma folha lida assim isoladamente se encontra de fato fora do ordenamento da leitura consistente e sequencial; todavia, não temos aí algo de muito discrepante, caso se pense que também o todo da leitura consistente e sequencial começa e termina do mesmo modo, ou seja, arbitrariamente, e, por isso, pode ser vista simplesmente como uma folha isolada, embora maior⁷⁵.

Esta explicação aproxima o sonho da loucura, pois não se pode negar aos loucos a capacidade de discernir o presente, já que eles, via de regra, falam e entendem, e intuem o presente de maneira coerente ao uso do princípio de razão; também os sonhos apresentam eventos com certa coerência, o que gera a impressão de uma realidade objetiva, e engana a nossa percepção. Todavia, o louco mostra-se inapto a rememorar e a concatenar eventos ausentes e também passados, de modo que a sua doença atinge especialmente a memória, na medida em que este fio da memória é rompido, tornando impossível qualquer lembrança coerente de eventos do passado. Quando isso acontece, o louco preenche as lacunas abertas com ficções, e passa a tomá-las como a realidade, como se as tivesse vivido. Esse é o mecanismo de um trauma: quando um desgosto, um pensamento doloroso ou até um acontecimento trágico torna-se tão atormentador e insuportável que coloca o indivíduo em risco de vida, a natureza angustiada como que recorre à loucura como último meio de salvação da vida, o último refúgio para os sofrimentos espirituais que ultrapassam as forças do indivíduo; "como alguém que amputa um membro gangrenado e o substitui por outro de madeira"⁷⁶. A leitura desordenada do livro da vida nos sonhos faz com que os acontecimentos presentes no sonho, embora coerentes, não respeitem a ordem temporal dos acontecimentos; é por isso que com frequência sonhamos com pessoas que nunca conhecemos, e frequentemente, também, vemo-nos conversando com os mortos. Por essa razão, o sonho assemelha-se a uma breve loucura, e a loucura a um longo sonho⁷⁷.

Abre-se com isso, a possibilidade dos sonhos premonitórios, já que os sonhos, dada sua natureza anacrônica, permitem que se salte páginas para trás e para frente no

⁷⁵ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 5, pp. 20-1.

⁷⁶ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 36, pp. 221-3.

⁷⁷ SCHOPENHAUER, A. P I, p. 255.

livro da vida, isto é, permitem a experiência de eventos passados e futuros, próximos ou distantes da realidade presente⁷⁸. Assim, um *vidente* pode retomar imagens do passado e antecipar as do futuro, e pode conhecer os lugares mais longínquos, sem sequer dar um passo, pois, para ele, passado e futuro aparecem como presente, e todos os lugares do mundo são apenas um e o mesmo. A compreensão da idealidade do tempo e do espaço nos sonhos possibilita também compreensão de uma série de fenômenos sobrenaturais, tais como o sonambulismo magnético e as visões de espíritos.

O mundo objetivo é um simples fenômeno cerebral: pois sua ordem e regularidade, baseados no espaço, no tempo e na causalidade (enquanto funções cerebrais), é o que se suprime em certo grau na clarividência sonâmbula [...]. Pois se o tempo não é uma determinação do verdadeiro ser das coisas, o antes e o depois carecem de sentido com respeito a ele: em consequência, um acontecimento pode ser igualmente conhecido antes de ocorrer ou depois. Toda mântica⁷⁹, seja no sonho, na previsão sonâmbula, na segunda visão e em qualquer outro fenômeno, consiste unicamente em descobrir o caminho para libertar o conhecimento do condicionamento do tempo⁸⁰.

A partir dessa constatação, Schopenhauer analisa, em seu escrito *Sobre a visão de espíritos*⁸¹, um interessante espectro dos sonhos, ainda carentes de atenção filosófica

⁷⁸ Schopenhauer teve, pessoalmente, experiências com sonhos premonitórios. Em 1830 o filósofo tem um sonho que, de acordo com a sua própria interpretação, profetiza a sua própria morte. Diz Schopenhauer: "No intuito de servir à verdade em qualquer terreno, dou por escrito que precisamente na noite de ano-bom de 1830 para 31, ocorreu-me um sonho premonitório de que findaria os meus dias ainda no corrente ano. Entre seis e dez anos de idade tinha eu um amigo que era meu companheiro de brinquedos. Ambos tínhamos exatamente a mesma idade. Chamava-se Gottfried Jaenisch e morreu aos dez anos. Eu me achava nessa ocasião na França. Nesses últimos trinta anos, lembrei-me mui raramente deste amigo de infância. Eis que, na noite mencionada, sonhei que havia chegado a um país inteiramente estranho. Num campo topei com um grupo de homens e entre eles destacava-se um jovem, adulto, alto, bem desenvolvido e de belo porte, o qual me foi apresentado, não sei de que forma, como sendo exatamente aquele Gottfried Jaenisch. Ele me deu as boas-vindas". No verão de 1831 a cólera invade a Alemanha, e Schopenhauer, reportando-se ao sonho como premonitório, deixa Berlim. Três meses depois fica sabendo da morte de Hegel, vítima da terrível epidemia. Em um outro episódio, conta-se que Schopenhauer estava escrevendo uma longa e importante carta de negócios, em inglês, quando derrama o tinteiro sobre a carta, e a tinta escorre da escrivantina para o soalho. Enquanto a criada limpa as manchas no chão, ela comenta "Que coisa estranha! Sonhei esta noite que tirava manchas de tinta neste mesmo lugar". Duvidando, Schopenhauer questiona a outra doméstica, que teria ouvido os comentários sobre o sonho da primeira antes do ocorrido, ao que ela responde "ela sonhou que estava tirando uma grande mancha de tinta neste assoalho!" (WEISSMAN, 1980, pp.114-6).

⁷⁹ Do grego "mantikê/μαντική", a expressão "mântica" ("Mantik" em alemão) refere-se à arte divinatória, arte do vidente, ou "adivinhação". Ver, por exemplo, PLATÃO, "Fedro", In.: *Diálogos, vol. V: Fedro, Cartas, O Primeiro Alcebiades*, 244c, p. 54.

⁸⁰ SCHOPENHAUER, A. P I, p. 285, tradução livre.

⁸¹ Originalmente "Über das Geistersehn und was damit zusammenhängt" (SCHOPENHAUER, A. P I).

adequada, segundo o filósofo⁸². A experiência do sonambulismo magnético é análoga ao sonambulismo natural, ou espontâneo, porém mais duradoura: o sonâmbulo natural levanta-se com os olhos fechados e caminha pelo ambiente, desvia os obstáculos e escala os mais perigosos precipícios pelos mais estreitos caminhos; demonstra, por assim dizer, um conhecimento do espaço por um meio não visual, a partir de sua segunda visão interior. Assim também o sonâmbulo magnético, induzido artificialmente, percebe o seu entorno e, em um grau mais elevado, também os lugares mais distantes⁸³. O objetivo do sonambulismo magnético é estimular a capacidade clarividente do sonâmbulo, para que este reúna informações, por uma via não consciente (*bewusstlos*), que auxiliem no seu processo de cura. No sonho magnético a clarividência é guiada de fora, direcionada pelo magnetizador.

Do ponto de vista fisiológico, o sistema nervoso simpático assume as rédeas do cérebro, e despotencializa as funções da vigília. Schopenhauer comenta que boa parte dos sonâmbulos clarividentes dizem sentir a sua consciência na região do estômago, e inclusive pedem que coloquem os objetos que querem ver melhor diante da barriga⁸⁴. Para Schopenhauer, isso não significa que de fato a barriga veja alguma coisa, mas sim que o plexo ganglionar abdominal assume o papel de um órgão sensorial, estimulando as imagens que aparecem no cérebro, que se encontra passivo.

Durante o sono o cérebro recebe de dentro sua excitação para a intuição de figuras espaciais, e não de fora, como na vigília, esse influxo tem que chegar a ele em uma direção oposta à habitual que procede dos sentidos. Como consequência dele, toda sua atividade, isto é, a vibração ou agitação interna de suas fibras, toma também uma direção oposta à usual e cai em uma espécie de movimento antiperistáltico [...]. O cérebro trabalha então como que às avessas⁸⁵.

Em uma formulação um pouco mais elaborada da fisiologia do magnetismo animal, Schopenhauer diz que por mais misterioso que seja este fenômeno trata-se, antes de tudo, da suspensão das funções animais em vistas das funções vegetativas do

⁸² Dentre eles estão os sonhos perceptivos, sonhos fatídicos, sonhos teoremáticos, sonhos alegóricos, sonambulismo espontâneo, sonambulismo magnético (a hipnose), sonho perceptível, a catalepsia, etc.

⁸³ Ibid., pp. 263-4.

⁸⁴ Ibid., p. 265. Schopenhauer faz notar que, na mais antiga tradução da *Bíblia* para o Grego, o "vidente" denomina-se "engastrimythous/εγγαστρίμυθους", isto é, um "ventríloquente", aquele que fala pelo ventre (Ibid., p. 266, nota 10).

⁸⁵ SCHOPENHAUER, A. P I, p. 272, tradução livre.

organismo. Assim, a "força vital" é desviada do cérebro, que é um parasita do organismo, pois agora se requer a atividade da *vis medicatrix*. No interior do sistema nervoso, o nervo simpático e seus gânglios são o foco da atividade orgânica; isso explica a impressão dos clarividentes que sonhavam ver com a barriga, pois neste caso haveria uma contenção da força vital do cérebro em direção àquele nervo. O sistema nervoso simpático e o sistema nervoso cerebral podem ser concebidos como polos opostos: o cérebro e os movimentos voluntários são o polo positivo e consciente, e o nervo simpático, com seus plexos ganglionares e movimentos involuntários, são o polo negativo e inconsciente⁸⁶.

Neste sentido, poder-se-ia formular a seguinte hipótese sobre o que ocorre na magnetização: trata-se de uma ação do polo cerebral (isto é, do polo nervoso externo) do magnetizador sobre o polo *homólogo* do paciente, pelo que, conforme a lei geral da polaridade, atua sobre este *repelindo-o*, fazendo com que a força nervosa retroceda até o outro polo do sistema nervoso, o interno ou o sistema ganglionar⁸⁷.

5. Considerações finais

Diferentemente de Mesmer, Schopenhauer defende que a relação entre o magnetismo animal e o mineral não é apenas analógica, mas possui um sentido também metafísico⁸⁸. Trata-se do fato de que o reino mineral é mais fundamental do que reino animal, todavia mesmo o grau mais elevado de manifestação da vontade no mundo, o indivíduo humano, assenta-se em última instância no reino mineral, de onde, por assim dizer, tira boa parte de sua energia; do mesmo modo que, na música, o baixo fundamental é tanto a fonte quanto o sustentáculo do desenrolar da melodia⁸⁹. No sonambulismo magnético é estabelecida uma comunicação, por via da consciência, entre a consciência do sonâmbulo e o restante do mundo, que resulta em imagens, por um tipo de onisciência. No caso do sonambulismo magnético essa onisciência é despertada a

⁸⁶ Ibid., pp. 282-3.

⁸⁷ Ibid., p. 283, tradução livre e grifos do autor. Seguindo esse raciocínio, Schopenhauer comenta sobre o procedimento de Mesmer: "Pode-se considerar o *baquet* como uma magnetização por *atração* mediante a ação recíproca de polos *contrários*, de modo que os nervos simpáticos de todos os pacientes sentados ao redor, unidos com ele através de barras de ferro e cordões de lã que chegam até a região epigástrica, ao atuar com suas forças unidas e incrementadas pela massa orgânica do *baquet*, atraem até si o polo cerebral individual de cada um deles, e assim diminuem a potência da vida animal deixando que se apague no sonho magnético de todos" (Ibid., p. 283, tradução livre).

⁸⁸ SCHOPENHAUER, A. P I, pp. 283-4.

⁸⁹ SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 52, pp. 298-9.

partir da ação do magnetizador, que induz artificialmente o estado do sonambulismo para explorar a clarividência sonâmbula, de modo que se pode falar de uma onisciência decorrente da onipotência da vontade como coisa em si. O *rapport* magnético, ou a "simpatia magnética", é estabelecido, assim, entre uma parte ativa (o magnetizador) e uma parte passiva (a consciência do sonâmbulo), e pressupõe a independência das limitações impostas pelo princípio de razão, constituindo-se, desse modo, em uma prática metafísica da vontade que atua e se mostra livre das determinações da aparência. É por isso, também, que a credibilidade da vidência acompanha a da magia, e as dúvidas levantadas sobre elas tenham avançado e retrocedido sempre no mesmo ritmo⁹⁰.

Magnetismo animal, curas simpáticas, magia, segunda visão, sonho perceptivo, visão espectral e visões de todas as classes são fenômenos afins, ramos de um mesmo tronco, e oferecem indícios seguros e irrefutáveis de uma conexão entre os seres fundada em uma ordem das coisas totalmente diferente à da *natureza*, a qual tem por base as leis do espaço, tempo e causalidade; enquanto que aquela outra ordem é mais profunda, originária e imediata, por isso que, diante desta ordem, as leis da *natureza* primeiras e mais universais, por serem puramente formais, não têm validade, e como consequência o tempo e o espaço já não separam os indivíduos, nem a segregação e o isolamento dos mesmos devido àquelas formas estabelece ainda limites insuperáveis para a comunicação dos pensamentos e para o fluxo imediato da vontade; de modo que se originam trocas por uma via totalmente distinta da causalidade física e a cadeia conexa de seus membros, a saber: simplesmente em virtude de um ato da vontade manifestado de uma forma especial e, assim, potencializado além do indivíduo. Por conseguinte, o caráter peculiar de todos os fenômenos animais dos que aqui falamos é a *visio in distans et actio in distans*, tanto no tempo quanto no espaço⁹¹.

Consideradas do ponto de vista empírico, as práticas do magnetismo animal e das curas simpáticas podem ser reunidas simplesmente pela rubrica da magia, considerando-se a definição geral da magia como "ação à distância". A "ação à distância" é, assim, uma ação em que o espaço entre o agente e o paciente não possui nenhuma influência no efeito dessa ação, de modo que se torna irrelevante que ela ocorra entre uma polegada de distância ou um bilhão de órbitas de Urano. Assim, se a relação entre

⁹⁰ SCHOPENHAUER, A. P I, p. 286.

⁹¹ Ibid., p. 283. Também em *Sobre a vontade na natureza* é dito: "A vontade assume, no *magnetiseur*, um certo caráter de onipotência, e o intelecto, na sonâmbula, assume o caráter de onisciência. Com isso ambos se tornam em certa medida um indivíduo: a vontade dele domina-a, e o intelecto desta participa nos pensamentos e nas percepções sensíveis dele (SCHOPENHAUER, A. N, p. 230, nota L4).

causa e efeito é disforme, isto é, quando a relação se altera sem uma intervenção espaço-temporal efetiva, então esta ação ocorre à distância, pois no espaço físico o efeito só pode ser alterado por um meio físico⁹².

O compromisso de Schopenhauer com a magia é filosófico, pois ele entende que a magia, por sua própria natureza, é alheia aos dogmas da religião e da ciência, e, por isso, está além do bom e do mau⁹³. As definições de Schopenhauer para a magia são, por conseguinte, eminentemente essencialistas, naquilo que se pode dizer das suas práticas de um ponto de vista metafísico, mas nunca pretendem substituir a prática mesma. O importante está naquilo que a magia clareia empiricamente, de tal forma que qualquer definição da magia se torna apenas acessória, ao lado da eficácia de seus experimentos⁹⁴. Por um lado, então, o pensamento sobre a magia desafia o dogmatismo científico do presunçoso século XVIII, que negou com arrogância os fatos misteriosos presentes em toda a história do ocidente, em nome de um conhecimento claro e seguro da realidade visível⁹⁵. Por outro lado, o pensamento sobre a magia é uma importante comprovação da filosofia de Schopenhauer, uma prova empírica, ou “prova real”⁹⁶, de tal modo efetiva e atestável, a despeito do seu caráter misterioso, que inspira a paráfrase com uma expressão de Francis Bacon: a magia é, de certa maneira, uma “metafísica experimental”, *Experimentalmetaphisik*, que se contrapõe à “física experimental”, ou física prática, na medida em que abole as leis mais gerais da física, tornando possível a atividade daquilo que se julga *a priori* impossível⁹⁷. A magia é real e plenamente uma *actio in distans*, “ação à distância”, traço que a torna, juntamente com os fenômenos relacionados, o mais importante dentre os fatos da experiência, e reivindica um contato aprofundado com o tema, por parte de todo aquele que se julgue um filósofo.

Referências bibliográficas

⁹² SCHOPENHAUER, A. P I, p. 287, tradução livre.

⁹³ SCHOPENHAUER, A. N, p. 188.

⁹⁴ Ibid., pp. 171-2.

⁹⁵ Notadamente o materialismo e o naturalismo, que seria a física “sentada no trono” da metafísica (SCHOPENHAUER, A. MVR II, p. 213; P I, p. 288).

⁹⁶ SCHOPENHAUER, A. N, p. 23. Endosso aqui a conclusão de Jean Brun em seu artigo *Schopenhauer et le Magnétisme*, de 1988: “Schopenhauer insistiu na ideia de que seu sistema filosófico era o desenvolvimento de um pensamento único, talhado de uma única peça, sem lacunas e remendos (“Indicação à Ética”, In: Sobre a vontade na natureza); neste sentido podemos dizer que os seus desenvolvimentos sobre o magnetismo [animal] não têm nada a ver como uma espécie de apêndice secundário e obsoleto de *O mundo como vontade e como representação*; não apenas elas constituem uma extensão essencial, mas são uma fecunda fonte de inspiração”.

⁹⁷ SCHOPENHAUER, A. P I, p. 289.

- BRUN, J. Schopenhauer et le Magnétisme. In: *Schopenhauer-Jahrbuch*, Bd. 69, 1988.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.
- CHASTENET, A. M. de. (Marquês de Puysegur). *Memórias para servir à história e ao desenvolvimento do magnetismo animal*. Idealização e Realização Jacob Melo, tradução de Cleone Teodoro Reis. Fortaleza: Premium, 2015.
- FIGUEIREDO, P. H. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*. Tradução do francês dos textos de Mesmer de Álvaro Glerean. Bragança Paulista: Lachâtre, 2005.
- FLORSCHÜTZ, G. Schopenhauer und die Magie – die praktische Metaphysik? In: *Schopenhauer-Jahrbuch*, Bd. 93, 2012.
- HÜBSCHER, A. *Denker gegen den Strom: Schopenhauer: gestern - heute - morgen*. 2ª Aufl. Bonn: Bouvier, 1982.
- LÓPEZ, D. Die Magie in Schopenhauers Metaphysik: ein Weg, um uns als “magisches Nichts” zu erkennen. In: *Schopenhauer-Jahrbuch*, Bd. 95, 2014.
- MESMER, F. A. Memória sobre a descoberta do magnetismo animal (1779). In: FIGUEIREDO, P. H. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*. Tradução do francês dos textos de Mesmer de Álvaro Glerean. Bragança Paulista: Lachâtre, 2005, pp. 295-337.
- _____. Resumo histórico dos fatos relativos ao magnetismo animal (1781). In: FIGUEIREDO, P. H. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*. Tradução do francês dos textos de Mesmer de Álvaro Glerean. Bragança Paulista: Lachâtre, 2005, pp. 339-507.
- _____. Memória de F. A. Mesmer, doutor em medicina, sobre suas descobertas (1799). In: FIGUEIREDO, P. H. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*. Tradução do francês dos textos de Mesmer de Álvaro Glerean. Bragança Paulista: Lachâtre, 2005, pp. 509-564.
- NEUBERN, M. S. Sobre a condenação do Magnetismo Animal: revisitando a História da Psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jul-Set 2007, Vol. 23, n. 3, pp. 347-356.
- PLATÃO. *Diálogos*. Vol. V: *Fedro, Cartas, O Primeiro Alcebiades*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 1975.
- SCHOPENHAUER, A. *Arthur Schopenhauers Sämtliche Werke*. Hrsg. von Paul Deussen. Munique: R. Piper, 1942.
- _____. *Metaphysik der Natur*. Philosophische Vorlesungen, Teil II, Herausgegeben und eingeleitet von Volker Spierling. München Zürich: 1984.
- _____. *Sobre a visão e as cores*. São Paulo: Nova Alexandria. 2003.
- _____. *Parerga y Paralipomena I*. Trad. Pilar López de Santa Maria. Madrid: Trotta, 2006.
- _____. *Sobre a filosofia e seu método*. Organização e tradução Flamarion C. Ramos. São Paulo: Hedra, 2010.
- _____. *Sobre a vontade na natureza*. Tradução, prefácio e notas de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- _____. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- _____. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II. Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- SILVA, L. C. *Schopenhauer, Arthur. Sobre a vontade na natureza. Tradução, prefácio e notas de Gabriel Valladão Silva*. Porto Alegre: L&PM, 2013 (Resenha). Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer, Vol. 4, nº 2, 2º sem. de 2013.
- _____. *Metafísica prática em Schopenhauer*. Tese de Doutorado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Filosofia, sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia P. Drucker e coorientação do Prof. Dr. Jair Barboza, 2017.
- WEISSMAN, K. *Vida de Schopenhauer*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

Recebido: 04/04/17
Received: 04/04/17

Aprovado: 09/06/17
Approved: 06/09/17